

UM POETA A BORDO DO TEMPO: MEMÓRIA, SIMPLICIDADE E INFÂNCIA EM MANOEL CARDOSO

A POET ABOARD TIME: MEMORY, SIMPLICITY AND CHILDHOOD IN MANOEL CARDOSO

Jânio Vieira dos SANTOS¹

RESUMO: O presente artigo visa apresentar e divulgar a poesia do poeta sergipano Manoel Cardoso, bem como abordar os impactos de sua poética no cenário literário brasileiro contemporâneo. Como forma de conhecer a escrita desse autor de traços marcantes com seu passado e principalmente com a memória, nosso trabalho se baseia em estudá-la em diferentes materiais teóricos e filosóficos para compreender a produção cardosiana e como a memória está presente em boa parte de sua literatura, numa tentativa que o poeta apresenta para reconstruir um passado distante, vivido em sua infância interiorana, no povoado Taborda, em Nossa Senhora das Dores, Sergipe. Desse modo, tentamos absorver das fontes consultadas nosso entendimento sobre a memória e como ela se apresenta na obra do escritor para que possamos reforçar nossa pesquisa e construir nosso próprio material crítico sobre os aspectos da mesma e os cruzamentos desta com a simplicidade do homem campesino e a ingenuidade da criança de alma pura, uma vez que não existe fortuna crítica sobre o autor. Tentamos, com isso, retirar o poeta do anonimato e mostrar o quão consistente é sua poesia, sendo relevante para a literatura contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea. Memória. Infância. Manoel Cardoso.

ABSTRACT: This issue aims to present and disseminate the poetry of sergipano poet Manoel Cardoso, as well as address the impacts of his poetics on the contemporary brazilian literary scene. As a way of knowing the writing of this author of striking traits with his past and mainly with memory, our work is based on studying it in different theoretical and philosophical materials to understand cardosian production and how memory is present in much of his literature, in an attempt that the poet presents to reconstruct a distant past, lived in his interior childhood, in the village Taborda, in Nossa Senhora das Dores, Sergipe. In this way, we try to absorb from the sources consulted, our understanding of memory and how it presents itself in the writer's work so that we can reinforce our research and build our own critical material on its aspects and its intersections with the simplicity of the peasant man and the ingenuity of the pure-souled child; since there is no critical fortune about the author. So, we try to remove the poet from anonymity and show how multiple and consistent his poetry is, being relevant to contemporary literature.

KEYWORDS: Contemporary poetry. Memory. Childhood. Manoel Cardoso.

1. Graduando em letras português pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão, janio.vieira16@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7093-4958>.

Introdução

A poesia contemporânea brasileira, apresentando aspectos relevantes em sua pluralidade e dinamização quanto à sua temática e a contextualização com o momento presente, nos apresenta uma inquietação. E é justamente esse ponto – a dispersão – que nos apresenta a vários poetas que vão produzir sem seguir uma linha uniforme. Proença Filho, em *Concerto a quatro vozes*, vai nos apresentar quatro tendências dessa dispersão para que possamos entender a poesia contemporânea: 1. A tradição revitalizada, 2. A tradição modernista revisitada, 3. Ecos das vanguardas dos anos 50/70 e 4. A emergência de segmentos preocupados com a afirmação de identidade cultural. Tais pontos vão proporcionar aos poetas contemporâneos uma gama de questões e fomentações na poesia. Em se tratando desse novo estilo, essas produções retratam aquilo que está próximo a nós, leitores. Uma poesia sentida e ao mesmo tempo real, seja atrelada aos nossos anseios, às nossas frustrações ou à busca de nós mesmos em decorrência de uma vida frenética, cheia de inúmeras atividades e pouco tempo para a contemplação. A poesia desse período será justamente esse direcionamento a vários caminhos. O poeta está livre de convenções estéticas tendo a liberdade para experimentar e/ou ousar, por assim dizer.

Este novo caminho propiciado aos presentes escritores vai nos apresentar uma literatura em que essas várias temáticas são tidas como meio de se alcançar o máximo de abrangência e conhecimento da obra, pelo público leitor.

[...] Todos tiveram seu momento de impacto, dialogaram criticamente com os posicionamentos modernistas, ponto de referência comum; abriram novas perspectivas para a linguagem poética; propiciaram à arte nacional novos modos de fazer que culminaram nos *happenings* e *performances*, bastante frequentes na década de 1980, sem falar nas experiências com a infopoesia. (PROENÇA FILHO, 2006, p. 11).

Poetas que estão inseridos nessa contemporaneidade vão nos apresentar a diversidade do movimento em poemas multitemáticos, dispersos, abrangendo as diversas questões tratadas em contexto social ou de outra natureza.

Pegando carona nesse barco citamos a obra do poeta, contista e romanista sergipano, de Nossa Senhora das Dores, o professor e mestre Manoel Cardoso. Poeta que cultiva as marcas de sua vida interiorana: a infância, o contato com a natureza, a maneira simples e algumas marcas da linguagem indígena de sua cidade. Nomes como Taborada, Craúna, araçá, gangorra, murta, quixaba,

dentre vários que são compostos em boa parte de sua obra e denomina o quão cuidadoso com seu passado é o escritor.

Na poesia de Cardoso é constante a busca incessante por querer reconstruir aquilo que o tempo lhe tomou; inevitavelmente, vai compondo uma poesia memorialista, assimilada a poetas modernos como Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Poetas que vão “Da imagem revisitada à criação da linguagem: interações.” (PROENÇA FILHO, 2006, p. 17).

Situando a poesia desse sergipano no contexto contemporâneo, partimos primeiramente para o entendimento do que vem a ser a contemporaneidade e quais os traços que a obra cardosiana apresenta em seu contexto.

Giorgio Agamben, em *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, trazendo uma conceituação de Roland Barthes, vai dizer que “O contemporâneo é o intempestivo” (2009, p. 58, aspa do autor). É o que inquieta o eu lírico. É o seu próprio tempo. E para entendermos melhor sobre o tempo para o contemporâneo, o mesmo autor vai nos dizer que:

[...] Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

A contemporaneidade se faz presente como forma de situar determinado autor ao nosso tempo. No entanto, para o poeta Cardoso, ser contemporâneo não está no registro do tempo e do espaço atual. É retornar a um tempo passado, um tempo de sua infância, um tempo primeiro. Buscar nesse retorno elementos que o situem em seu verdadeiro tempo. O poeta busca a essência de seus versos, o silêncio e a contemplação à arte. A construção imagética de seus poemas também dá esse ar de novo. A poesia contemporânea apresenta “Desde as marcas das tendências iniciais, como experiências-na-fronteira-dos-limites entre verso e prosa, até a preocupações metafísicas e o equilíbrio formal”. (PROENÇA FILHO, 2006, p. 15). São traços que também percebemos na obra do poeta sergipano, autor de dezenas de livros entre conto, romance e poesia. Um bom exemplo da poesia metafísica e tom narrativo percebemos em *Cintilações*, 2010 (poesia), trazendo uma relação entre homem e espaço.

Sua literatura apresenta em seus contextos inúmeras questões ligadas ao social – família, memória, simplicidade, infância, natureza, religiosidade, cultura, dentre outros. Temas que trazem a nós leitores um contato mais próximo com

o que nos é apresentado no cotidiano. E é justamente nesses pontos que percebemos uma poesia viva, próxima e contextualizada com nossa realidade. “A marca da poesia brasileira, desde os anos 1970, é a multiplicidade de tendências. Configura-se o que me permito chamar de ‘Movimento de dispersão’.” (PROENÇA FILHO, 2006, p. 07, aspa do autor). Essa multiplicidade é justamente o que difere o contemporâneo de outros períodos literários. Não há um grupo de escritores falando de um mesmo tema. São vários escritores e várias temáticas. “São poetas que constroem seus espaços, a maioria fiel ao discursivo, ao verso livre e ao poder das imagens, centrados sobretudo em problemáticas individuais.” (2006, p. 15).

Na obra de Cardoso encontramos essas múltiplas temáticas como sendo uma válvula de escape tida pelo poeta que busca reavivar as lembranças de seu passado. Viver novamente o que ficou perdido no tempo de infância, ao mesmo tempo que nos transmite imagens claras e um tom narrativo bem fluido em seus versos. Essas lembranças são marcas existenciais de um eu que não se vê no tempo em que se vive, busca fugir desse tempo-presente, do agito da cidade, da vida corriqueira. O contato com seu interior é o que lhe contenta à busca do puro, do tempo primeiro e as primeiras experiências de sua infância transportando o eu poético para a verdadeira alegria.

É constante essa memória de conservação e consciência em quase toda a obra de Cardoso. Em alguns livros ele nos apresenta essa conscientização do que se perdeu no transcorrer do tempo. Tomemos como exemplo o título de seu recente romance *Pervagando entre os escombros*, publicado em 2017, onde traz em sua narrativa o retorno de um personagem às origens e dessa origem o que resta a esse eu é justamente os escombros; como também do livro de poesia *Esmerilho-me na lâmina do dia*, 2013, nos dando a sensação de estarmos sumindo com o passar dos dias. Nesses e em outros títulos, como em *Vem brincar na mesma roda*, 2012; *Mairi, uma cidade sob medida*, 1982; *Dois garotos da pesada*, 1986; *É tempo de circo*, 1989; *Rolando na duna*, 1989; *Pequeno aguadeiro*, 1992; *Amanhecer nos trópicos*, 1996; etc., as temáticas giram em torno da infância, da criança que vive seu mundo puro e em convívio harmônico com a natureza, a simplicidade do ser, a ingenuidade humana, o cultivo dessa memória que faz o poeta estar bem consigo mesmo.

O cunho social, presente na poesia contemporânea, é também trabalhado em algumas das obras citadas acima, questões como discriminação, preconceito, corrupção, desigualdade social e econômica, etc. Cardoso é um autor que mostra, por meio de sua literatura, o engajamento com as questões de nosso momento/tempo, embora este não seja o principal traço de sua obra.

O progresso, a vida corriqueira das grandes cidades destoa da produção literária de Cardoso, que busca a calma do campo, a beleza e riqueza da natureza, bem como a simplicidade do homem campesino e a ingenuidade da criança, como seu objeto de produção. Isso é de grande relevância quando sabemos que o escritor viveu grande parte de sua infância em povoado, no Taborda – SE. Na poesia cardosiana o eu lírico vai se alimentar dessas primeiras marcas deixadas em sua memória.

As obras desse autor estão inseridas numa divisão feita por nós – memória; infância; linguagem, tanto simples quanto universal.

O trato com a palavra-memória, a reconstrução de um tempo que fora vivido na infância e as marcas desse tempo ao longo da vida do poeta é o centro da literatura desse autor. Sua literatura tenta trazer a nós valores que nos humanizam e nos fazem querer e perceber a importância de cultivar o essencial da vida.

Passaremos, agora, à leitura de algumas poesias que compõem a obra *A bordo do tempo*.

II

- 1 Quem não se deteria
- 2 no topo da Craúna
- 3 pra ver o Taborda?

- 4 Verde sempre forte
- 5 pintado por árvores
- 6 o abraço redondo
- 7 das mangueiras
- 8 e a guarda sem pressa
- 9 dos displicentes cajueiros.

- 10 No ar
- 11 um não-sei-quê
- 12 de eterno
- 13 na rotina dos homens.

(1996, p. 09).

O Craúna é descrito pelo poeta em mensagem pessoal datada de 31/ 03/ 2019. “Craúna, termo de origem tupi, foi um povoado importante, antes da chegada do Taborda (não existe mais). Situava-se numa região bem alta e do topo avistava-se o Taborda lá embaixo, visão que me seduzia. Viam-se todas as casas (do Taborda pequeno, nome que nossa família atribuía a essa parte em que residiam os Cardoso. Era uma alegria ver aquela espécie de abraço das mangueiras,

cajueiros, bananeiras, laranjeiras... às nossas casas. [...]”² (CARDOSO, 2019, p. 1). Cardoso fala daquele espaço com o mesmo encantamento que há em seus versos. A mesma inocência de criança. Um devaneio voltado para a infância.

[...] Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois. Elas vão a contravento de todos os devaneios de alçar vôo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras. (BACHELARD, 2006, p. 97).

A presença de três verbos, em todo o poema, DETER, VER e PINTAR, mostra que estão ali para fazer a cena se realizar, sem serem percebidos. A calma e a contemplação são os elementos que caracterizam o homem, generalizado pelo pronome QUEM, das coisas que são essenciais à vida. Perceber o mundo em volta parece o mais importante para o poeta. E essa contemplação é a maneira de o eu lírico se reconhecer e reviver num passado que deixou marcas. Esse retorno são reminiscências de um tempo bem vivido. O contato com a natureza e com outras crianças, faz parte da essência do poeta.

Os versos 4 e 5 “Verde sempre forte / pintado por árvores”, trazem essa permanência da imagem como algo imutável. Mas o poeta não consegue parar o tempo. Então ele metaforiza seus sentimentos para demonstrar que o vivido permanece aceso. E faz isso em cores fortes. Na última estrofe “No ar / um não-sei-quê / de eterno / na rotina dos homens.”, Cardoso evidencia essa eternidade do objeto que ainda é indefinido. O “não-sei-quê” não sofre a ação do tempo.

A não nomeação desse objeto lembra a primeira infância, quando a criança não consegue nomear o que está em volta.

O poder de nomear significava para os hebreus das às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhece-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia. O poeta é o doador de sentido. (BOSI, 1983, p. 141).

O ponto final é outro recurso utilizado de maneira interessante, só há dois ao longo de todo poema. Percebemos que tudo que causa efemeridade, é reduzido, tem pouca importância. Dando a impressão de que contemplar o Taborda seja o mais importante. Sem pressa, contrapondo os avanços da modernidade em que tudo é imediato. Olhando melhor em volta e alimentando o eu interior. Os

2. Esse trecho que fala do Pov. Craúna surgiu informalmente em trocas de e-mails, e achamos interessante destacar por ser a descrição do próprio poeta acerca do lugar vivido.

olhos, para Cardoso, são telas para se pintar as imagens trazidas da infância. Ele escreve o poema como se pintasse um quadro.

Nos versos 2 e 10, elementos que representam grandiosidade, “topo” e “ar”. O topo significando lugar alto, imenso e ar como amplo, extenso. Ainda percebemos que a preposição “pra” proporciona à voz do eu lírico, um tom mais simples. É uma voz que tenta se aproximar/adequar-se à natureza. Cardoso busca essa natureza para enxergar a pureza e a essência das coisas e trazê-la para si. “A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si.” (PAZ, 1982, p. 138).

O advérbio “sempre”, verso 4, entre os substantivos “Verde” e “forte” oferece a essa imagem algo de eterno, estático, bem conservado na memória do poeta. A mesma curiosidade ocorre no verso 5, em que a preposição “por” entre o verbo “pintado” e o substantivo “árvores” personifica essas, que pintam aquele cenário; o verbo “pintado” lembra um quadro, uma imagem estática que o poeta possui em seu inconsciente e que é oferecida à contemplação. A personificação, também presente nos versos 6, 7, 8 e 9 oferece uma suposição de que a própria natureza se manifesta nesse lugar, tendo “o abraço redondo” como aquilo palpável, tangível por nós humanos. Como se a natureza estivesse em contato conosco, despidendo-nos das amarras da insensibilidade, da ausência de nós mesmos.

A palavra “pressa”, no verso 8, é um indicativo de que o tema do poema é essa lentidão. As aliterações em /s/ causam essa sensação. O poeta produz um quadro em que deposita seu melhor, trabalha com afinco, sem se preocupar com o tempo. O substantivo “eterno”, como algo duradouro, transporta esse momento para o infinito, ele é trazido na memória para não se acabar, fará parte da rotina do homem.

Interessante destacar ainda que o poema é marcado por um tom prosaico, uma descrição narrativa de um ambiente agradável. A assonância em “O” indica algo cíclico, uma referência ao próprio local que de tão aprazível nos faz ir ao nosso profundo para reviver esse algo eterno. Uma mostra em que as coisas simples se destacam e estão à nossa volta; nós, por meio da pressa, é que não as contemplamos.

IV

- 1 Quase uma ilha
- 2 aquele chão.
- 3 Riachos, serras
- 4 carrascais, florestas
- 5 compunham limites
- 6 naturais.

- 7 A grande família
- 8 bem fincada ao solo
- 9 amanhando o chão,
- 10 multiplicando os filhos
- 11 lançando bases
- 12 de fragmentação.

(1996, pág. 11).

Na primeira estrofe, percebemos que a própria natureza se faz de maneira a proteger esse lugar “quase uma ilha” do mundo, é um lugar em que o eu lírico se encontra refugiado, protegido da vida corriqueira das grandes cidades, do progresso avassalador.

Não há barreiras construídas pelo homem, tudo que é visto no poema como obstáculo é natural: “Riachos, serras / carrascais, florestas”. Como se a própria natureza não permitisse a infiltração de estranhos, nada que viesse macular aquele cenário.

Em contraponto, a segunda estrofe traz a presença do homem que se multiplica e, conseqüentemente – as futuras gerações – alargará seus caminhos, fragmentando-se com a natureza. O homem-natureza multiplicou-se e dispersou-se trazendo a fragmentação, a separação com o simples, com o essencial, com o eu. Uma fragmentação com o lugar, com “A grande família”; somente o poeta sente essa ausência, carência. Carência sentida na vida adulta e de uma infância alegre. “A infância conhece a infelicidade pelos homens” (BACHELARD, 2006, p. 94).

XXXIX

- 1 A parteira
- 2 visitava os filhos
- 3 vez ou outra.

- 4 Velha feia
- 5 sem doçura de mãe.

- 6 ‘Vá tomar-lhe a bença,
- 7 menino!’

- 8 Cada um se internava
- 9 no mato fechado
- 10 se escondia onde dava
- 11 não queria tal mãe
- 12 única doutora nativa
- 13 naqueles ermos de Deus.

14 Sá Maria.

(1996, p. 53).

Manoel Cardoso sente a ausência do vivido na infância, recorrendo a ela como forma de estar no mundo. Essa perda o faz refugiar-se no passado, mais especificamente na infância. O ‘estranho’, simbolizado pela parteira, apresentado a ele, é também a nós.

No poema é como se a própria rejeição do tempo presente fizesse o poeta enxergar a parteira como a si próprio em idade adulta. O poema que analisamos cerca-nos de modo a se perguntar: essa mãe, sem jeito de mãe, não pode ser uma representação do Cardoso adulto sem jeito de homem? Pois a infância é algo latente em seu interior, e que ele recorre sempre como maneira de fugir do caos da cidade à procura da pureza, do campo, uma vez que “O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice.” (BACHELARD, 2006, p. 96).

O inocente menino que foge com medo da “Velha feia” não é o mesmo, fisicamente, no presente-futuro, mas é ainda o mesmo, essencialmente, nesse tempo, em sintonia com aquele tempo-passado, embora não possa tocar, nem viver novamente suas lembranças.

A assonância em /i/ e /a/ como em pArteIrA, v. 1 / vIsItAvA e filhos, v. 2 / feIA, v. 4 / menIno, v. 7 / InternAvA, v. 8 / escondIA, v. 10 / querIA, v. 11 / únIcA e nAtIvA, v. 12 / MArIA, v. 14, demonstra uma intensidade de som, uma voz que quer ser ouvida. Isso nos apresenta um Cardoso que no tempo-futuro, sente saudades daquela velha. Pois ambos estão no mesmo estágio, com o mesmo desejo: ela que “visitava os filhos / vez ou outra.”, ele que volta ao passado para visitar o que perdeu fisicamente. O desejo de não estarem só.

[...] Os homens passam, o cosmos permanece, um cosmos sempre primeiro, um cosmos que os maiores espetáculos do mundo não apagarão em todo o decorrer da vida. A cosmicidade de nossa infância reside em nós. Ela reaparece em nossos devaneios solitários. [...] Parece que os voltados para os devaneios da nossa infância nos fazem conhecer um ser anterior ao nosso ser, toda uma perspectiva de *antecedência de ser*. (BACHELARD, 2006, p. 103, grifos do autor).

A fala entre aspas, nos versos 6 e 7, mostra que há um interlocutor que se refere a alguém que é querido do eu lírico: um pai, mãe, avós.

O silêncio, representado pelo fonema /s/ em “oS”, “filhoS”, v. 2 / “veZ”, v.3 / “Sem”, “doÇura”, v. 5 / “benÇa”, v. 6 / “Se”, v. 8 e 10 / “eScondia”, v. 10 / “naqueleS”, “ermoS”, “DeuS”, v. 13 / Sá, v. 14, nos traz a tranquilidade daquele lugar, que era pouco visitado, “ermos de Deus” e por isso seja tão (re)vivido pelo eu lírico. Era um lugar de calma, de aconchego, de contado com o eu interior. A poética de

Manoel Cardoso busca esse silêncio, trazido pela memória, do que ficou no passado, por justamente poder encontrar, nesse passado, sua essência.

Em *Matéria e memória*, Henri Bergson vai dizer acerca do presente e passado que “Meu presente é aquilo que me interessa, o que vive para mim e, para dizer tudo, o que me impele à ação, enquanto meu passado é essencialmente importante.” (2006, p. 160). Cardoso busca em seu poetar essa essência como forma de manter acesa em sua memória a sua infância.

Ainda que seja visível que o poeta projete dados biográficos nos poemas, conforme demonstrado aqui, é importante dizer que sua lírica toca na universalidade por ficcionalizar o espaço e o tempo da infância. O eu poético também é um nós, é uma coletividade criada por onde transitam sensações ligadas à recordação, à memória e aos laços afetivos – aspectos caros para a poesia, aspectos caros para toda a gente.

Referências

- ANDRADE, Bruno Oliveura de. *Imagem e memória - Henri Bergson e Paul Ricoeur*. Revista Estudos Filosóficos, São João del-Rei/MG, UFSJ, n° 9/2012. <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. p. 136-50.
- BACHELARD, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. In: *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 93-137.
- BERGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. In: *Matéria e memória*. 3. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos). p. 155-208.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: *O ser e tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 139-192.
- CARDOSO, Manoel. *A bordo do tempo*. RN, Fundação Ving-Un Rosado Mossoró, 1996.
- _____. [Carta] 31 mar. 2019, São Paulo [para] VIEIRA, J., Nossa Senhora das Dores. 2f. Indagação sobre o termo Craúna para pesquisa PIBIC da Universidade Federal de Sergipe.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Mirador internacional, Encyclopaedia do Brasil publicações, São Paulo: 1976. p. 702.
- PAZ, Octavio. A imagem. In: *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 119-140.
- PEDROSA, Celia; MATOS, Cláudia; NASCIMENTO, Evando. (Orgs.). Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira. In: *Poesia hoje*. Niterói: ed. UFF, 1998. p. 11-26.
- PROENÇA FILHO, Domício. (Org.). Poesia brasileira contemporânea: multiplicidade e dispersão. In: *Concerto a quatro vozes*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006. p. 7-18.
- STAIGER, Êmil. Estilo Lírico: A recordação. In: *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 19-75.